

## Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções

Uma Breve Abordagem Contextual

*Friedrich Ratzel entre Tradiciones y traducciones: Un Breve Abordaje Contextual*

*Friedrich Ratzel entre traditions et traductions : une courte approche contextuelle*

*Friedrich Ratzel between Traditions and Translations: A Brief Contextual Approach*

**Jörn Seemann**

---



**Electronic version**

URL: <http://terra-brasilis.revues.org/180>

DOI: 10.4000/terra-brasilis.180

ISSN: 2316-7793

**Publisher:**

Laboratório de Geografia Política -  
Universidade de São Paulo, Rede Brasileira  
de História da Geografia e Geografia  
Histórica

**Electronic reference**

Jörn Seemann, « Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 1 | 2012, posto online no dia 05 Novembro 2012, consultado o 30 Setembro 2016. URL : <http://terra-brasilis.revues.org/180> ; DOI : 10.4000/terra-brasilis.180

---

This text was automatically generated on 30 septembre 2016.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Friedrich Ratzel entre Tradições e Traduções

Uma Breve Abordagem Contextual

*Friedrich Ratzel entre Tradiciones y traducciones: Un Breve Abordaje Contextual*

*Friedrich Ratzel entre traditions et traductions : une courte approche contextuelle*

*Friedrich Ratzel between Traditions and Translations: A Brief Contextual Approach*

Jörn Seemann

---

- 1 Esse artigo tem como objetivo tecer alguns comentários acerca do desenvolvimento do pensamento geográfico de Friedrich Ratzel (1844-1904) e sua viagem aos Estados Unidos e México entre 1873 e 1875. No começo do terceiro milênio, esse geógrafo alemão continua sendo um cientista cuja obra ainda está aguardando uma maior apreciação. Apesar da sua importância inegável como figura intelectual formativa na geografia, sua obra e a natureza geral da sua contribuição não são bem conhecidas, e até pouco tempo atrás, ele tem sido algo semelhante a uma presa fácil para os críticos, um enigma ou uma figura esquecida na história da disciplina (MARTINS, 1992; 2001; BASSIN, 1987, CARVALHO, 1997). Há vários motivos, políticos bem como científicos, que deixaram o legado deste “estudioso fora de série” obscuro e inexplorado (BASSIN, 1987, p.129). Foi apenas recentemente que a atenção tem sido refocalizada na obra de Ratzel (por exemplo, BASSIN,1984; SANGUIN, 1990; MERCIER, 1990; COSTACHIE e DAMIAN, 2010; CARVALHO , 2010; SEEMANN e MATHEWSON, 2011). As principais razões dessa situação são de natureza “técnica” e “científica”.
- 2 Por um lado, a tradução seletiva e parcial da obra de Ratzel para outras línguas resultou em interpretações errôneas e citações fora do contexto. Poucas publicações da vasta produção *ratzeliana* foram traduzidas para outras línguas - talvez devido à dificuldade de realizar traduções adequadas e corretas dos textos originais em alemão.<sup>1</sup>

- 3 Com exceção da coletânea de Moraes (1990) e alguns textos isolados (por exemplo, RATZEL, 2001, 2010), não há traduções mais substanciais da obra de Ratzel do alemão para o português. Por consequência, muitos geógrafos brasileiros que estudam o trabalho de Ratzel freqüentemente recorrem a traduções feitas para outras línguas, usando como fonte uma tradução da tradução.<sup>2</sup>
- 4 Por outro lado, a análise e avaliação da obra do Ratzel têm sido realizadas em contextos econômicos, políticos e sociais de épocas posteriores, levando a uma interpretação do passado sob a ótica do presente. Ao estudar a epistemologia e a história da geografia, os geógrafos não conseguem se livrar da sua própria subjetividade e visão da sua disciplina. Em defesa de Ratzel, o geógrafo francês André-Louis Sanguin (1990) escreve que tanto a “influência negativa jogada pelos censores e inquisidores quanto o papel deformador de determinados turiferários”<sup>3</sup> (SANGUIN, 1990, p.579) são responsáveis pela construção da imagem de Ratzel como “pai” do determinismo ambiental e da geopolítica nazista, sendo que “os mitos têm uma vida duradoura, sobretudo quando servem como respostas fáceis para desafios desconfortáveis” (SANGUIN, 1990, p.592). Neste sentido, “distorções e falsas interpretações são as pedras de amolar que os anti-ratzelianos têm utilizado nos seus ataques repetidos” (SANGUIN, 1990, p.580).
- 5 Quanto à imagem do Ratzel determinista, a geógrafa americana Ellen Churchill Semple (1863-1932), aluna do Ratzel em Leipzig<sup>4</sup>, contribuiu consideravelmente a essa visão distorcida do geógrafo alemão ao extrair idéias do primeiro volume da *Anthropogeographie* para a sua própria visão geográfica (SEMPLE, 1911). As suas interpretações não reproduziram a essência do pensamento de Ratzel, mas serviam como referência exclusiva para muitos geógrafos anglo-saxônicos que “não se dispuseram a folhear os originais alemães da obra ratzeliana” (MARTINS, 1992, p.109). Cabe dizer que Semple “foi, sem malícia, a principal participante nas distorções e falsas interpretações dos conceitos ratzelianos na geografia americana” (SANGUIN, 1990, p.581).<sup>5</sup> Na França, os geógrafos, sociólogos e historiadores, por sua vez, usavam Ratzel como “estratégia epistemológica” para mostrar a “diferença” entre o “possibilismo francês” e o “determinismo alemão” e afirmar a disciplina enquanto disciplina (MARTINS, 1992, p.109).
- 6 Desta maneira, preserva-se uma imagem caricaturesca e simplificada do pensamento de Ratzel que pode ser encontrada na maioria dos livros introdutórios à geografia no Brasil. Ratzel = determinismo ambiental. Ponto final. Ratzel tem sido retratado como cientista com uma visão naturalista “que reduziu o homem a um animal, ao não diferenciar as suas qualidades específicas; assim, propunha o método geográfico como análogo às demais ciências da natureza; e concebia a causalidade dos fenômenos humanos como idêntica a dos naturais” (MORAES, 1987, p.57).
- 7 Portanto, as críticas ao determinismo ambiental nos últimos cinquenta anos não levaram em consideração que foi justamente na virada do século XIX para o século XX que os geógrafos começaram a consolidar a geografia humana na academia. A geografia humana tinha uma metodologia física, tendo a geomorfologia como exemplo por excelência para examinar as marcas visíveis da paisagem e definir um objeto de estudo para a disciplina (SCHLÜTER, 1906; SEEMANN, 2004). Neste contexto, WANKLYN (1961) chega a ponderar “se não foi a biogeografia com a sua ênfase na distribuição de plantas e animais e o movimento e ajuste constante entre espécies diferentes que era o link crítico entre a geografia física e humana” (WANKLYN, 1961, p.42). Além dessa visão física das ciências humanas, as idéias do evolucionismo também exerceram uma influência considerável no modo de pensar a geografia. Portanto, vale lembrar que as teorias e pensamentos

geográficos que hoje achamos inaceitáveis eram o cânone daquela época e perfeitamente plausíveis.

- 8 O determinismo ambiental precisa ser analisado em um contexto bem mais amplo e ser enquadrado na história das idéias da influência do meio ambiente sobre o homem. No decorrer dos últimos três milênios, da Antiguidade até os tempos atuais, em algumas épocas os pensadores atribuíram mais importância aos fatores ambientais, enquanto outros períodos deram mais ênfase à ação humana sobre o meio ambiente, como resume o geógrafo americano Clarence Glacken:

“A idéia das influências ambientais sobre a cultura é tão importante historicamente pelos seus questionamentos como pelo seu próprio contexto intelectual e filosófico. É parte daquele antigo e amplo contraste entre *physis* e *nomos*, entre natureza e lei ou costume. É uma idéia profundamente envolvida na interpretação da infinitamente fascinante ordem das diferenças humanas” (GLACKEN, 1976, p.709).<sup>6</sup>

- 9 Além de ganhar o rótulo de pai do determinismo ambiental, Ratzel é freqüentemente visto como fonte de inspiração para os nazistas, sem levar em consideração que uma leitura de Ratzel no contexto da geopolítica alemã depois de 1918 e como estímulo para as intenções expansionistas dos nazistas seria um “anacronismo e uma inacurácia histórica” (BASSIN, 1987, p.129).<sup>7</sup> As consequências desastrosas que seguiram ilustram claramente a falta de correspondência entre um conceito e a realidade social que esse deve explicar, e os “sucessores pseudocientíficos e políticos” de Ratzel usavam a respeitabilidade dos seus conceitos (sobretudo o *Lebensraum*, o espaço vital) para empregá-los a favor dos seus próprios interesses (SANGUIN, 1990, p.589).

- 10 É verdade, Ratzel não pode ser dissociado do determinismo ambiental e do imperialismo bismarckiano. Portanto, “pertinentes ou não, tais correlações são herança de uma leitura de sua obra não menos marcada histórica e culturalmente que a própria obra do mestre” (MARTINS, 1992 p.105). Interpretações posteriores (inclusive as minhas!) sempre representam uma perspectiva a partir de um determinado modo de pensar a geografia. Não existem leituras livres de valores, atitudes e visões de mundo. Não há estudos completos, só tentativas de mostrar a versatilidade de Ratzel em suas diversas facetas. Sanguin (1990) resume a personalidade quase camaleônica desse cientista alemão á seguinte maneira:

“Como geógrafo, Ratzel traz dimensões interessantes para os conceitos de origem, difusão, mudança e substituição. Como naturalista estudando a América do Norte, ele identifica as questões de associações e de habitats, das localizações e das migrações, da difusão e das inovações. Como jornalista, ele cultiva a arte de descrição das paisagens e sua apreciação estética. Como filósofo cultural, ele sabia ir para além das obras materiais do homem pela inclusão do *Geist*, o espírito de uma sociedade, suas tradições e suas aspirações” (SANGUIN, 1990, p.592).

- 11 Para adentrar no pensamento de Ratzel, torna-se preciso levar em consideração os contextos em que desenvolveu a sua obra, já que o esclarecimento das suas ideias não pode ser feito por telefone ou por correspondência (HUNTER, 1983, p.xviii).

## A abordagem contextual e biográfica

- 12 Para desvendar perspectivas diferentes sobre Ratzel, suas idéias e sua obra, sugere-se uma abordagem contextual e biográfica (SANGUIN, 1990; BERDOULAY, 2003), levando-se em consideração que “a história e evolução do pensamento dos pais fundadores da geografia

moderna não podem ser compreendidas fora de uma dimensão contextual e biográfica mínima” (SANGUIN, 1990, p.579).

- 13 Através das “lições da historiografia da ciência”, Berdoulay (2003, p.49) apresenta a proposta de uma abordagem contextual que visa “ênfatizar o papel do *Zeitgeist* [o clima intelectual e cultural de determinada época], considerado como determinante da maneira como cientistas e intelectuais vêm e lidam com o mundo”. Para Berdoulay, essa abordagem se distancia da lógica interna da ciência com as suas teorias, hipóteses e técnicas generalizadoras e se aproxima do fazer ciências dos indivíduos, já que “a visão de mundo de um cientista fornece uma explicação para o seu quadro de referência, mas não pode justificar todas as iniciativas específicas tomadas por ele” (BERDOULAY, 2003, p.49). As regras básicas desta metodologia historiográfica se resumem nos seguintes seis princípios (p.51-52):

1. Sistemas de pensamento em mudança existem, assim como há continuidade de determinadas idéias;
2. Não há como separar e dicotomizar fatores internos e externos da mudança científica;
3. Precisa-se pesquisar sem atribuir qualquer superioridade intelectual a uma tendência ou a outra. Não se deve ignorar ou esquecer trabalhos;
4. Precisam-se estudar profundamente as principais questões que envolvem uma sociedade, mesmo que algumas delas não pareçam, à primeira vista, ter influenciado a evolução de idéias geográficas;
5. Não se deve conceber a comunidade científica como muito limitada; há laços entre cientistas, políticos, intelectuais etc. e nenhum cientista é uma ilha. Por isso, deve-se dar uma maior ênfase a ideologias e não a instituições;
6. O que interessa não são as influências de uma idéia, mas as razões que estão por trás da “demanda” e “uso” das idéias.

- 14 Para Sanguin (1990), o contexto da época em que Ratzel vivia também é de fundamental importância:

“O contexto também é o ambiente em que vivia a personagem estudada e pode ser considerado como uma maior explicação para quaisquer conceitos grandes que alimentavam a história das idéias geográficas, o que quer dizer que o pensamento de Ratzel está intimamente ligado à sua experiência pessoal, às suas observações dos lugares e, sobretudo, aos encontros com colegas de outras disciplinas que influenciaram o seu pensamento. Também não podemos nos esquecer de que suas idéias geográficas foram postas sobre o papel com o vocabulário e a estrutura de pensamento de uma [determinada] época e de um [determinado] país e de que ainda mais ele era zoólogo, naturalista, etnógrafo, jornalista e historiador” (SANGUIN, 1990, p.581).

- 15 Para ilustrar essa versatilidade acadêmica, Sanguin (1990, p. 582-586) dividiu a trajetória da vida pessoal e acadêmica de Ratzel em quatro fases distintas:

### **Primeiro contexto (1859-1868): Ratzel como farmacêutico e zoólogo**

- 16 Por decisão da sua família, Ratzel se torna aprendiz em farmacêutica e atua nessa profissão em vários lugares até 1866, quando se matricula primeiro na universidade de Karlsruhe e depois em Heidelberg onde estuda ciências naturais, principalmente geologia, paleontologia e zoologia. Paralelamente, frequenta aulas em Berlim e Iena onde, sob a orientação do ecologista Ernst Haeckel, tem acesso às idéias evolucionistas de Charles

Darwin e Alfred Russell Wallace e obtém o título de doutor (RATZEL, 1868), apresentando uma pesquisa sobre “as contribuições ao estudo geral anatômico dos *oligochaetes*”, uma espécie de minhoca - a *Limnodrilus claparedianus Ratzel* da família dos *Tubificidae* que ainda hoje lembra o nome de Ratzel.

## Segundo Contexto (1868-1875): Ratzel como jornalista

- 17 Ainda como estudante e para financiar os seus estudos, Ratzel começa a trabalhar como jornalista para o jornal *Koelnische Zeitung* para qual escreve reportagens de viagens feitas para o sul da França, o Império austríaco-húngaro dos Habsburg, os Alpes e a Itália, posteriormente publicadas em forma de um livro, *Wandertage eines Naturforschers* (RATZEL, 1873). Essas viagens e a sua estadia nos Estados Unidos e no México em (1873-75) supostamente levaram para a transformação do zoólogo Ratzel para o geógrafo Ratzel, trocando o conceito da espécie pelo conceito do espaço (SANGUIN, 1990, p.584).

## Terceiro Contexto (1875-1886): Ratzel como professor na Universidade Técnica de Munique

- 18 De volta dos Estados Unidos e México em 1875, Ratzel aceita um convite como docente na Universidade Técnica de Munique através dos contatos com o explorador e etnógrafo Moritz Wagner que exerceu uma influência significativa sobre Ratzel (vou explorar esse aspecto mais detalhadamente adiante). Enquanto a viagem aos Estados Unidos fortaleceu as perspectivas geográficas de Ratzel, a convivência com Wagner o levou para questões de migração e de difusão, hoje em dia estão mais reconhecidas na antropologia do que na geografia. Em pouco mais de um ano, Ratzel termina sua segunda tese de doutorado (habilitação para ensinar) sobre as migrações chinesas no mundo (RATZEL, 1876a). Nela, ele visa discutir a tarefa analítica da geografia humana através dos movimentos da humanidade em relação à sua dependência da sua terra e dos efeitos do ambiente natural sobre o corpo e o espírito humano (seja individual ou coletivo) para mostrar como princípios e leis das ciências naturais poderiam ser aplicados na sociedade humana (BASSIN, 1984, p.16).

## Quarto Contexto (1886-1904): O Círculo de Leipzig

- 19 Com a morte de Oskar Peschel e a transferência de Ferdinand von Richthofen para Berlim em 1886, Ratzel atende a chamada para a cadeira de geografia em Leipzig, naquela época considerada como um dos maiores centros de editoras no mundo (por exemplo, Brockhaus) e a capital intelectual da Alemanha imperial (SANGUIN, 1990, p.585). Nesse período, “marcado por uma sólida e imensa produção literária” (BASSIN, 1987, p.125), Ratzel lança algumas das suas obras mais divulgadas e importantes: *Völkerkunde* (3 volumes, RATZEL, 1885-1888), *Anthropogeographie* (dois volume, 1882-1891), *Politische Geographie* (RATZEL, 1897) e sua geografia comparativa intitulada *Die Erde und das Leben*. (2 volumes, RATZEL, 1901-1902). Além das suas atividades de pesquisa e ensino, Ratzel participa ativamente em dois grupos de estudo: Os chamados *Geographische Abende* (noites geográficas) e o Círculo de Leipzig. O primeiro era uma espécie de associação dos geógrafos regional que se encontrava uma vez por mês para discutir assuntos da geografia e que contava com a presença de editores e estudiosos da geografia como

Emmanuel de Martonne, Ellen Semple, Jean Brunhes, Hans Helmolt e Alfred Hettner. O Círculo de Leipzig, por sua vez, propiciava a Ratzel um encontro com cientistas das mais diversas áreas (sociologia, física, teologia, química, psicologia e história). Esse contato com “a fina flor da inteligência alemã daquela época” propiciava a Ratzel uma extensão do seu pensamento geográfico sob um foco das obras de Leibniz e Spencer (SANGUIN, 1990, p.586).

Diante desses dados biográficos diversificados, surge a necessidade de realizar um “diálogo interno à própria geografia” para “procurar lançar alguns novos elementos que permitam repensar a obra de Ratzel ou, pelo menos, que possibilitem uma releitura complacente de seus escritos, dados, rigor e seriedade da sua obra” (MARTINS, 1992, p.105). Mais do que um século depois da morte a releitura da obra do Ratzel teria a seguinte questão como foco central: Que valor conserva a sua obra depois de mais de um século?

- 20 O desafio dos historiadores do pensamento geográfico será como “deixar Ratzel falar” e “dar voz autorizada” aos seus pensamentos. Sanguin (1990) levanta o seguinte questionamento: “Nós geógrafos tomamos do Ratzel a liberdade de falar em seu próprio nome através da sua obra ou será que estamos tão simplesmente satisfeitos em aceitar o que os outros diziam em seu nome?” (SANGUIN, 1990, p.580). James Hunter (1983) observa que a única fonte confiável para interpretar a obra de Ratzel não deve ser a vasta literatura secundária, mas os textos originais. Portanto, muitos textos pedem maiores esclarecimentos.
- 21 Além dos contextos na vida de Ratzel, Sanguin (1990) também chama a atenção pelas obras menores e “escondidas”, em vez de basear todas as interpretações nas obras principais. Um autor sempre é medido pelas suas obras principais. Portanto, é justamente nas publicações menores (até podemos falar de “geografias menores” aqui)<sup>8</sup> que seria possível descobrir ideias em processo de amadurecimento, dúvidas pessoais, novas abordagens posteriormente modificadas ou descartadas ou detalhes importantes para a evolução de um pensamento. Os *Kleine Schriften* (“Pequenos Escritos”), publicadas postumamente em dois volumes (HELMOLT, 1906) abrangem mais do que mil páginas e consistem em dezenas de textos escritos entre 1867 e 1904, fragmentos, miniaturas e reflexões sobre os mais variados temas. Luciana de Lima Martins (2001) afirma que
- 22 “[n]esses artigos, encontra-se ora um Ratzel reflexivo, ora inflamado, ora crítico. Despojado da rigidez acadêmica, da preocupação da sistematização do pensamento geográfico enquanto disciplina (...) aflora, nos *Kleine Schriften*, um Ratzel multifacetado, engajado politicamente, envolvido com questões filosóficas, artísticas e religiosas. Os artigos tratam desde a anatomia do *Enchytraeus vermiculares* a considerações sobre a fisionomia da lua, glaciologia, entografia, história, colonialismo na África, paisagens, panoramas, fotografia, escritos biográficos, geografia política, cidades, nacionalidades e raças” (MARTINS, 2001, p.117).
- 23 Essa antologia de mais do que cem textos apresenta Ratzel como jornalista escrevendo relatos de viagens da Suíça e dos Estados Unidos, como caminhante na imensidão montanhosa dos Alpes quando filosofa sobre a estética da paisagem e da descrição da natureza ou como biógrafo e intérprete de cientistas como Carl Ritter, Ernst Haeckel, Oskar Peschel e Moritz Wagner. Essa última forma de produção acadêmica – Friedrich Ratzel como cronista e biógrafo do pensamento geográfico – pode ser uma pista para saber mais sobre as pessoas que o influenciaram.



## Evolucionismo, metáforas orgânicas e migrações

- 24 O explorador, viajante e etnógrafo Moritz Wagner (1813-1887) que Ratzel conheceu em Munique em 1871 foi um dos primeiros mentores do seu pensamento. Wagner tinha surgido como um dos primeiros seguidores da teoria de Darwin na Alemanha. Portanto, ele encontrava lacunas no pensamento evolucionista do cientista inglês. Para Wagner, Darwin concentrava a sua discussão na seleção natural das espécies sem levar em conta a “dimensão geográfica” na evolução e na classificação das espécies o que ficou evidente nas formas de migrações e isolamentos geográficos que seriam “a força fulcral (*Triebkraft*) mais importante do desenvolvimento orgânico” (RATZEL, 1906c, p.468).
- 25 Wagner simpatizava com as ideias do biólogo e precursor evolucionista francês Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) que se baseava na hereditariedade e na transferência de características adquiridas para as gerações seguintes e na imposição direta do ambiente, concebendo os organismos como passivos. A natureza imporá que características dos indivíduos se preservariam ou se perderiam. Neste contexto, a evolução somente se realizaria com processos de migração e isolamento de espécies. Para sobreviver, uma espécie precisaria migrar. Sem migração e isolamento não haveria inovação e evolução, porque sem eles, as variedades seriam fundidas com espécies vizinhas, enquanto o isolamento não apenas segregaria espécies incipientes, mas também implicaria em novas diferenças em virtude de uma alimentação alterada, novas condições climáticas e outras peculiaridades do ambiente. Wagner estava convencido que as espécies tinham um determinado tempo de vida e, por isso, iriam ser extintas sem a influência fortificadora da migração e do isolamento (LIVINGSTONE, 1992, p.199). A migração por si mesma seria um mecanismo que induziria e preservaria as variações da vida orgânica. Ratzel (1906c, p.469) resume os princípios centrais dessa “Lei da Migração” do seu mentor nas seguintes palavras:
- “Quanto maior a mudança das condições de vida de uma espécie emigrante, mais forte a sua mutabilidade. Quanto mais nítido seu isolamento, mais fácil a formação de uma nova subespécie. Quanto mais vantajosas essas mudanças para essa [nova forma] e quanto mais bem adaptada aos ambientes e mais tempo sem distúrbio houver para se manter no isolamento, mais fácil o desenvolvimento da subespécie para espécie” (RATZEL, 1906c, p.469)
- 26 Essas ideias de Wagner, que se basearam em princípios de migração, isolamento e determinismo ambiental, influenciaram o pensamento do Ratzel na sua concepção da geografia humana. Wagner serviu como inspiração
- “para conjugar a gramática da sua própria geografia humana. Conseqüentemente, os princípios de difusão, migração e *Raum* [espaço] foram entretecidos para fornecer uma rede de leis naturais, dentro as quais os arranjos espaciais, as características culturais e as funções sociais da sociedade humana podem ser compreendidos” (LIVINGSTONE, 1992, p.200).
- 27 Em vez de lidar com espécies de animais e vegetais, Ratzel voltava a sua atenção aos seres humanos e sua mobilidade geográfica, utilizando a teoria de Wagner sobre o desenvolvimento de novas formas orgânicas através da migração e do isolamento como tese fundamental para a história humana (SAUER, 1934, p.120-121). Concebendo a migração como um princípio biológico e como característica fundamental da história humana, Ratzel interpretava a mobilidade da sociedade como característica essencial de toda vida natural. O estado como unidade coletiva agiria como um organismo vivo e



dinâmico, e o seu crescimento físico (isto é, a expansão territorial) seria um processo normal, saudável e necessário. Nas palavras do geógrafo cultural marxista americano Don Mitchell,

“O Estado era essencialmente uma coisa viva, que, como outras coisas orgânicas, precisava crescer para viver (...) O Estado era, então, em grande medida, uma ligação natural entre pessoas e o ambiente, a expressão espacial do (...) espiritual, mas também dos laços orgânicos entre pessoas e lugares (...) Ratzel argumentava que a ligação entre o ambiente e as pessoas não era uma [ligação] de um simples determinismo (...), mas apesar de tudo, ele deixou claro que o desenvolvimento social ou cultural do Estado (...) era diretamente relacionado à habilidade do Estado de crescer” (MITCHELL, 2000, p.18).

- 28 No sentido mais amplo do imperialismo no fim do século XIX, a migração humana era vista como **colonização**: os migrantes não se deslocaram simplesmente, mas mudaram-se para **algum lugar** e finalmente assentaram-se em **um lugar** específico (BASSIN, 1984, p.17).
- 29 Ratzel procurava provas empíricas para as suas idéias, e a sua viagem aos Estados Unidos e México entre 1873 e 1875<sup>9</sup> servia como exemplo para consolidar os seus conceitos sobre migração e difusão. Diante desse exemplo de uma sociedade que visivelmente expande e amadurece Ratzel encontrou nos espaços imensos dos Estados Unidos uma prova por excelência para salientar o papel da migração e do crescimento orgânico na vida social (BASSIN, 1987, p.126).

## A viagem aos Estados Unidos como experiência-chave para Ratzel

- 30 A viagem de Ratzel aos Estados Unidos (1873-1875) é vista como uma contribuição importante para compreender o seu pensamento posterior e sua transformação de zoólogo para geógrafo (BASSIN, 1984; SAUER, 1971). As suas impressões, de fato, oferecem algumas explicações para o desenvolvimento do seu pensamento (BASSIN, 1984, p.11), e as suas observações nos Estados Unidos como país-continente o haviam levado à elaboração de determinados conceitos como *Raumvorstellung* (percepção do espaço), *Lebensraum* (espaço vital), *Weltmacht* (poder mundial), *Grenzen* (fronteiras) (BUTTMANN, 1977).
- 31 O principal resultado dessa experiência foram duas publicações, ambas em dois volumes: “Imagens urbanas e culturais da América do Norte” (*Staedte- und Kulturbilder aus Nordamerika*, RATZEL, 1876b) e “Os Estados Unidos da América” (*Die Vereinigten Staaten von Nordamerika*, RATZEL, 1878b, 1880).
- 32 De certa forma, coincidência ou não, Ratzel seguia os passos do seu mentor Moritz Wagner que também já havia conhecido os Estados Unidos durante uma viagem duas décadas antes.<sup>10</sup> Ratzel iniciou a sua viagem em Nova Iorque, visitou o naturalista Louis Agassiz na Universidade de Harvard e desceu a costa até o norte da Florida para continuar seu itinerário para Nova Orleans, donde subiu o Rio Mississippi, passando depois por St. Louis, as Cataratas de Niágara e Chicago para atravessar as Grandes Planícies e chegar a Denver e San Francisco onde embarcou para o México. Ainda passou três semanas no México que atravessou três vezes até finalmente retornar à Alemanha a partir do porto de Veracruz e com escala em Cuba (SAUER, 1971, BASSIN, 1984).<sup>11</sup> Nos Estados Unidos, Ratzel viajava principalmente de trem o que lhe permitiu que pudesse observar as trajetórias das estradas que comparava favoravelmente com as condições na Europa (SAUER, 1971,

p.252). Aos leitores dos seus artigos, ele apresenta uma imagem dos Estados Unidos pós-Guerra-Civil como um espaço ocupado quase infinito:

“para os leitores do jornal da região do Reno, os Estados Unidos eram de interesse particular. Por mais de quarenta anos uma onda de emigrantes tinha saído de terras ao longo do Reno para se assentar além do mar. Um grande número [desses imigrantes] tinha servido nas forças da união durante a guerra civil nos estados do sul que havia terminado recentemente. O sul ainda estava no tempo da reconstrução, começando a instituir uma nova ordem social. No norte, o desenvolvimento industrial estava bem encaminhado. As vias férreas tinham se tornado o meio preferido de transporte. O povoamento das terras estava se estendendo ao oeste do Rio Missouri. Foi de fato um tempo oportuno para escrever um relato sobre uma jovem nação em crescimento vigoroso” (SAUER, 1971, p.246).

- 33 Ratzel ficou fascinado pela dinâmica espacial nos Estados Unidos, o crescimento populacional e a apropriação de espaços desconhecidos, a iniciativa de uma “jovem nação, tomando posse de uma terra vasta e grande, crescendo na sua força por superar dificuldades e fazendo coisas grandes, [que] olhava confidentemente a um futuro sem limites” (SAUER, 1971, p.251).
- 34 Além de poder observar o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos na sua dimensão geográfica que, de certa forma, confirmava o seu pensamento orgânico, Ratzel também procurava estabelecer contato com os imigrantes alemães nos Estados Unidos que não criaram colônias, mas representavam desde o século XVII um grupo de imigrantes significativo. Não foi sem certo orgulho nacional que Ratzel comentava que esses imigrantes tiveram muitos méritos na vida religiosa e na organização do sistema escolar: A impressão da primeira bíblia em alemão nos Estados Unidos antecedia a primeira versão em inglês em quarenta anos, e o sistema educacional americano se apropriava de ideias alemãs até o nível de universidade (RATZEL, 1906a, p.359). No ademais, os alemães se destacavam no desenvolvimento dos Estados Unidos, sobretudo no oeste do país, como “os melhores colonos e fazendeiros, artesãos, comerciantes, técnicos, artistas, professores e soldados” (RATZEL, 1906a, p.360).
- 35 A imensidão do espaço americano levou Ratzel a refletir sobre os povos e os seus territórios. Seria difícil traçar paralelas com as condições na Europa diante do fato de que uma população quase igual à da Alemanha estava espalhada em uma área quinze vezes maior. Enquanto os Estados Unidos estavam esparsamente povoados, a Europa estava sobrepovoada (RATZEL, 1880, p.4). Como consequência, os americanos desenvolveram uma noção do espaço diferente dos europeus. Para Ratzel, a população e as etnias da Europa são velhas e nitidamente definidas. É um espaço de emigração. Os Estados Unidos, por sua vez, com a sua população de imigrantes de uma grande variedade de origens ainda se encontravam em um processo de formação. Ratzel concluiu que os americanos pareciam ser “fortemente influenciados pela mobilidade que é gerada em cada indivíduo pela consciência do espaço amplo e a necessidade de conquistar esse mesmo” (RATZEL, 1880, p.4).
- 36 Essas configurações espaciais levaram Ratzel a formular determinados questionamentos que iria analisar mais detalhadamente na sua tese de habilitação sobre as migrações chinesas (RATZEL, 1876a): (1) os problemas das migrações humanas em grande escala e a difusão do povoamento; (2) o processo de expansão física do Estado, suas causas e ramificações; (3) a influência determinante do ambiente sobre o ser humano (indivíduos e coletivo) e sobre as diferentes formas da vida social (BASSIN, 1987, p.124).

- 37 A comparação entre a China e os Estados Unidos servia para alertar sobre a necessidade de que um estado precisa crescer para sobreviver. No caso da China havia condições favoráveis para a população permanecer e crescer, tornando-se “um criadouro de milhões [de pessoas] (...) como podemos observar diretamente na China de hoje com certo horror” (RATZEL, 1906b, p.60). A superpopulação chinesa provocava a emigração e a fundação de inúmeros enclaves chineses em todos os cantos do mundo. Os Estados Unidos, por sua vez, eram um continente subpopulado que tinha “a marca da sua juventude e saúde bem como a garantia para o seu futuro crescimento e sua prosperidade” (BASSIN, 1984, p.17).
- 38 Nessas observações, Ratzel apresenta dois termos que posteriormente marcaram as discussões na geografia política: **Lebensraum** e **Grossraum**. No caso do **Lebensraum** (traduzido como *espaço vital*), o estado era concebido como um organismo que sofreu um crescimento populacional até o ponto de provocar a exaustão dos recursos e a expansão territorial. Para o Estado, existir significava expandir (LIVINGSTONE, 1992, p.200). Infelizmente, essas idéias não foram apenas aplicadas nas suas observações nos Estados Unidos, mas também serviam de exemplo para analisar a política colonial dos grandes poderes europeus, como Livingstone observa ironicamente:
- “Ao expor esses princípios semelhantes aos de Malthus, Ratzel acreditava que tinha desvelado as leis naturais do crescimento territorial dos Estados e ele alegremente acatou o impulso colonial dos poderes europeus da mesma época na África como a manifestação da sua busca por *Lebensraum*. A história imperial era a história espacial da luta pela existência” (LIVINGSTONE, 1992, p.200).
- 39 O **Lebensraum** era ao mesmo tempo um ideal diferente da realidade fragmentada e da pequenez dos países europeus que revelaram a “atrofia cultural de Estados pequenos” (LIVINGSTONE, 1992, p.200). A vastidão do espaço norte-americano e suas condições de não ter fronteiras, combinada com o otimismo e a energia do povo, o fez acreditar que, por falta de espaço no próprio continente, os Estados europeus apenas poderiam alcançar seu **Grossraum** [espaço amplo] através da “aquisição territorial de além-mar” (LIVINGSTONE, 1992, p.200).
- 40 Neste ponto, há uma das reflexões centrais do Ratzel. Embora tenha atribuído muita importância ao ambiente físico, ele também enfatizava a ação humana cuja energia derivava de duas forças: a força da migração (*Wandertrieb*) e a força da vontade (*Willenskraft*). Quanto ao movimento, Ratzel se perguntava como o ser humano se comportava sob determinadas condições geográficas e constatava que
- “o homem é desassossegado; ele aspira a uma expansão maior em todas as direções onde barreiras naturais fortes o limitam, e qualquer posição antropológica que não está levando esse desassossego em conta, se fundamenta em uma base errada. A humanidade precisa ser vista como uma massa que permanentemente se encontra em um movimento em fermentação” (RATZEL, 1906b, p.38).
- 41 Ratzel conclui que esse desassossego humano não pode ser comparado com o instinto de migração de mamíferos ou aves que obedecem a uma “força obscura”, porque quando o ser humano caminha, ele o faz com certa vontade e determinação, embora nem sempre com uma consciência clara sobre as suas metas e finalidades (RATZEL, 1906b, p.38) Essa força de migração se completa com a força da vontade:
- “Não podemos fugir de certas influências do nosso ambiente, sobretudo daquelas que atuam sobre o nosso corpo; lembro-me daquelas [influências] do clima e da alimentação. É sabido que o espírito também está sobre a influência do caráter geral do cenário que nos cerca. Mas para outros esse grau de influência que essas [forças] exercem depende em grande medida da força de vontade que se opõe a elas.

Podemos nos defender dela, contanto que o queiramos. Um rio grande que forma uma linha fronteira para um povo indolente não representa uma barreira para um povo determinado. Antes de Aníbal, os Pirineus e Alpes eram considerados muralhas fronteiriças quase impossíveis de superar para os povos que viviam ao sul e ao norte delas; mas diante de uma energia como a dele, essas dificuldades deixaram de ser insuperáveis. Assim se mede as influências, que estamos inclinados a atribuir às circunstâncias externas na história dos povos, na sua totalidade pela força da vontade pertencente a esses povos. Quanto mais forte e mais duro esse [povo], menores os impactos daqueles [efeitos da natureza]” (RATZEL, 1906b, p.36).

- 42 A viagem de Ratzel aos Estados Unidos e seus relatos científicos e populares sobre paisagem, cultura e economia representam um recorte denso e bastante vivo do pensamento *ratzeliano*. Essas observações diretas no campo, escritas em linguagem metafórica e quase poética, servem como exemplos ilustrativos para explicar as complexas teorias da sua autoria.
- 43 Talvez o maior mérito de Ratzel tenha sido a concepção da geografia como uma ciência em movimento e não como descrição da Terra. Em um texto sobre “povos em movimento” (RATZEL, 1940), ele sentencia que
- “não está na natureza da geografia de se ocupar apenas com fenômenos imóveis. Ela registra a situação de qualquer objeto e obtém assim as situações que seguem. E cada situação sempre é determinada pela anterior. Não é muito cômodo olhar as coisas em movimento e não em posição de aparente tranquilidade, mas essa é a única visão correta” (RATZEL, 1940, p.11).

## Considerações finais

- 44 O objetivo deste artigo é abrir um debate mais amplo sobre as múltiplas facetas na vida e obra de Friedrich Ratzel. Ratzel – que Ratzel? Escrever sobre esse geógrafo não significa tomar partido e estar “a favor” ou “contra” o pensamento *ratzeliano*, mas tem como missão compreender a diversidade de ser um geógrafo e “fazer” geografia, inclusive às nossas próprias teorias e práticas.
- 45 Através de uma abordagem contextual e biográfica, procurava-se indicar novas direções para estudar o pensamento desse cientista alemão. Evidentemente, não há leituras ou releituras “corretas” ou “erradas”. A respeito do contexto de uma produção acadêmica, Marcos Bernardino Carvalho escreve que
- “Temos consciência que leituras absolutamente contextualizadas são tão impossíveis quanto à pretensão de se realizar ciência de maneira objetiva ou imparcial. Mas a consciência e o manejo adequado dessa impossibilidade, podem ser revertidos em aproximações mais fiéis e integrais, tanto para se compreender o sentido de uma obra, quanto o resultado de um experimento” (CARVALHO, 1997, sem página).
- 46 Assim sendo, está feito o convite para fazer novas releituras da obra de Ratzel. Possíveis temas são a investigação dos impactos do evolucionismo na geografia no mundo e no Brasil (veja DUARTE, 2006), o uso de metáforas biológicas na geografia, a difusão e significação de conceitos como Estado-nação, cultura e identidade nacional e a apreciação dos minuciosos relatos de viagem. Todos esses esforços servirão para desvendar mais detalhes sobre o “enigma” Ratzel.

---

## BIBLIOGRAPHY

- BASSIN, Mark. Friedrich Ratzel's travels in the United States: A study in the genesis of his anthropogeography. **History of Geography Newsletter**, n.4, p. 11-22, 1984.
- \_\_\_\_\_. Friedrich Ratzel (1844-1904). **Geographers. Biobibliographical Studies**, v.11, p.123-132, 1987.
- BERDOULAY, Vincent. A abordagem contextual. **Espaço e Cultura**, n.16, p.47-56, 2003.
- BUTTMANN, Günther. **Friedrich Ratzel: Leben und Werk eines deutschen Geographen, 1844-1904**. Stuttgart: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 1977.
- CARVALHO, Marcos Bernardino. Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação. **Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, n.23, 1997.
- \_\_\_\_\_. Friedrich Ratzel (1844-1904): O insípido está sempre incorreto. **Geographia**, v.12, n.23, p.140-156, 2010.
- COSTACHIE, Silviu; DAMIAN, Nicolae. Ratzel and the German geopolitical school – the inception of culture as an essential element and factor in the political geography. **Revista Română de Geografie Politică**, v.12, n.2, p.298-308, 2010.
- DUARTE, Regina Horta. Evolutionism, anti-Darwinism and society in Brazil (1870-1930). **Jahrbuch für Europäische Wissenskultur**, v. 2, n.1, p. 147-158, 2006.
- GLACKEN, Clarence J. **Traces on the Rhodian shore. Nature and culture in Western thought from ancient times to the end of the eighteenth century**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1976.
- HAUSHOFER, Karl. Friedrich Ratzel as raum- und volkspolitischer Gestalter. In: HAUSHOFER, Karl, org., **Friedrich Ratzel: Erdenmacht und Völkerschicksal**. 2ª edição. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1940, p.ix-xxvii.
- HELMOLT, Hans (org.). **Kleine Schriften von Friedrich Ratzel**. 2 volumes. Munique: Oldenbourg, 1906.
- HUNTER, James M. **Perspectives on Ratzel's political geography**. Lanham: University Press of America, 1983.
- KEIGHREN, Innes M. Breakfasting with William Morris Davis: everyday episodes in the history of geography. In: GAGEN, Elizabeth A.; LORIMER, Hayden; VASUDEVAN, Alex, orgs., **Practising the archive: reflections on methods and practice in historical geography**. London: Royal Geographical Society, 2007, p.47-55.
- \_\_\_\_\_. **Bringing geography to book: Ellen Semple and the reception of geographical knowledge**. London: I.B. Tauris, 2010.
- LIVINGSTONE, David N. **The Geographical Tradition: Episodes in the History of a Contested Enterprise**. London: Blackwell, 1992.
- MARTINS, Luciana de Lima. Friedrich Ratzel hoje: a alteridade de uma geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, v.54, n.3, p.105-113, 1992.
- \_\_\_\_\_. Friedrich Ratzel. **Geographia**, v.3, n.5, p.89-91, 2001.

- MERCIER, Guy. Lê concept de propriété dans la géographie politique de Friedrich Ratzel (1844-1904). *Annales de Géographie*, n.555, p.595-615, 1990.
- MITCHELL, Don. **Cultural geography. A critical introduction**. London: Blackwell, 2000.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 6ª edição. São Paulo: Hucitec, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.
- RATZEL, Friedrich. Beiträge zur anatomischen und systematischen Kenntniss der Oligochaeten. Leipzig: Engelmann, 1868.
- \_\_\_\_\_. **Wandertage eines Naturforschers**. Leipzig: Brockhaus, 1873.
- \_\_\_\_\_. **Die chinesische Auswanderung. Ein Beitrag zur Cultur- und Handelsgeographie**. Breslau: Kern, 1876a.
- \_\_\_\_\_. **Städte- und Culturbilder aus Nordamerika**. Leipzig: Brockhaus, 1876b.
- \_\_\_\_\_. **Aus Mexico. Reiseskizzen aus den Jahren 1874 und 1875**. Breslau: J.U. Kern, 1878a.
- \_\_\_\_\_. **Die Vereinigten Staaten von Nord-America. Erster Band: Physikalische Geographie und Naturcharakter**. München: Oldenbourg, 1878b.
- \_\_\_\_\_. **Die Vereinigten Staaten von Nord-America. Zweiter Band: Culturgeographie unter besonderer Berücksichtigung der wirtschaftlichen Verhältnisse**. München: Oldenbourg, 1880.
- \_\_\_\_\_. **Anthropo-Geographie**. Stuttgart: Engelhorn, 1882-1891.
- \_\_\_\_\_. **Völkerkunde**. 3 volumes. Leipzig: Verlag des Bibliographischen Instituts, 1885-1888.
- \_\_\_\_\_. **Politische Geographie**. Munique: Oldenbourg, 1897.
- \_\_\_\_\_. **Die Erde und das Leben. Eine vergleichende Erdkunde**. 2 volumes. Leipzig: Bibliographisches Institut, 1901-1902.
- RATZEL, Friedrich. Das Deutschtum in Nordamerika. In: HELMOLT, Hans (org.). **Kleine Schriften von Friedrich Ratzel**. Volume 1. Munique: Oldenbourg, 1906a, p.358-360.
- \_\_\_\_\_. Über geographische Bedingungen und ethnographische Folgen der Völkerwanderungen. In: HELMOLT, Hans (org.). **Kleine Schriften von Friedrich Ratzel**. Volume 2. Munique: Oldenbourg, 1906b, p.35-65.
- \_\_\_\_\_. Moritz Wagner In: HELMOLT, Hans (org.). **Kleine Schriften von Friedrich Ratzel**. Volume 1. Munique: Oldenbourg, 1906c, p.461-475.
- \_\_\_\_\_. Völker in Bewegung. In: HAUSHOFER, Karl, org., **Friedrich Ratzel: Erdenmacht und Völkerschicksal**. 2ª edição. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1940, p.10-20.
- \_\_\_\_\_. **Géographie politique**. Paris: Ed. Régionales européennes, 1988.
- \_\_\_\_\_. Amigos, o sublime não mora no espaço! (Tradução de Luciana de Lima Martins) **Geographia**, v.3, n.5, p.92-94, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Desde México. Apuntes de Viaje de los Años 1874-1875**. México, D.F.: Herder, 2009.
- \_\_\_\_\_. Sobre a interpretação da natureza [Über Naturschilderung]. (Tradução: Marcos Bernardino de Carvalho) **Geographia**, v.12, n.23, p.157-176, 2010
- SANGUIN, André Louis. En relisant Ratzel. *Annales de Géographie*, n.555, p.579-594, 1990.

SAUER, Carl O. Friedrich Ratzel (1844-1904). In: SELIGMAN, Edwin R.A., org., **Encyclopedia of the Social Sciences**. Volume 13. London:Macmillan, 1934, p.120-121.

----- . The formative years of Ratzel in the United States. **Ann.Assoc.Amer.Geogr.**, v.61, n.2, p.245-254, 1971.

SCHLÜTER, Otto. **Die Ziele der Geographie des Menschen**. Munique e Berlim: Oldenbourg, 1906.

SEEMANN, Jörn . A morfologia da paisagem cultural de Otto Schlüter: marcas visíveis da geografia cultural?. **Espaço e Cultura**, v. 17-18, p. 65-75, 2004.

SEEMANN, Jörn; MATHEWSON, Kent. Herr Ratzel goes to Mexico. Colonialism, Race, and Travel Sketches from 1874-1875. **Southwestern Geographer**, v.15, 2011.

SEMPLE, Ellen Churchill. **Influences of geographic environment on the basis of Ratzel's system of Anthro-Geography**. New York: Henry Holt, 1911.

STEHLIN, Stewart A. **Friedrich Ratzel, Sketches of Urban & Cultural Life in North America**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1988.

WANKLYN, Harriet. **Friedrich Ratzel. A biographical memoir and bibliography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.

## NOTES

1. Obras mais divulgadas como *Völkerkunde* (para o espanhol, inglês, italiano), *Anthropogeographie* (italiano e húngaro) e *Die Erde und das Leben* (italiano) foram traduzidas nas primeiras duas décadas após a sua publicação na Alemanha. Mais recentemente foi lançada uma tradução da *Politische Geographie* para o francês (RATZEL, 1988). Há uma edição americana da sua viagem aos Estados Unidos (STEHLIN, 1988) e uma tradução em espanhol sobre as suas impressões sobre o México (RATZEL, 2009).

2. Por exemplo, Moraes (1990) dedicou um livro inteiro à discussão sobre o pensamento ratzeliano e se baseava em textos traduzidos a italiano, francês e inglês.

3. Turiferário é aquele que leva o *turíbulo*, isto é, o vaso em que se queima incenso nos templos. No sentido metafórico, turbular ou defumar ou perfumar com incenso é fazer elogios excessivos, bajular ou adular.

4. Oficialmente, Ellen Semple nunca se matriculou nas aulas de Ratzel em Leipzig. Em uma sociedade conservadora e patriarcal como a Alemanha no fim do século XIX, as mulheres não tinham permissão de frequentar seminários nas universidades, de modo que Semple teve que ficar em uma pequena sala ao lado do auditório, com a porta semi-aberta, para assistir as aulas (WANKLYN, 1961, p.31).

5. Para uma discussão aprofundada sobre a recepção da obra de Ellen Semple na Grã-Bretanha, veja Keighren (2010).

6. As traduções do alemão, francês e inglês são da minha autoria.

7. O geopolítico nazista Karl Haushofer (1940) editou um volume com diversos recortes da obra de Ratzel. No prefácio do livro, Haushofer considera Ratzel como um visionário dos processos geopolíticos para os tempos após a Primeira Guerra Mundial e um educador político popular que servia como inspiração para refletir sobre o crescimento orgânico dos Estados-nações.

8. Para um exemplo divertido desses efêmeros acadêmicos, veja o trabalho de Keighren (2007) sobre as preferências do “pai da geografia americana”, William Morris Davis, para o café-da-manhã e como essas impactaram as suas idéias e pesquisas.



9. Neste texto, apenas discuto aspectos da viagem de Ratzel aos Estados Unidos. Para uma análise mais detalhada sobre as suas impressões do México e suas concepções de cultura e raça, veja Seemann e Mathewson (2011).

10. Junto com o seu companheiro de viagem, o zoólogo austríaco Karl Scherzer, Wagner viajava do rio São Lourenço no Canadá e das Cataratas de Niágara para o noroeste americano (sobretudo Wisconsin onde havia muitos imigrantes alemães), Illinois, Missouri e Louisiana. Além de encontros com o presidente americano Millard Fillmore, o senador Daniel Webster e general Winfield Scott, eles coletavam amostras, caçavam e pescavam e decidiram prolongar a sua expedição para conhecer a América Central chegando até as ruínas maias da Guatemala. De volta à Europa em maio de 1855, Wagner e Scherzer trouxeram extensas coleções zoológicas e botânicas, tendo entre essas 40000 espécies de animais invertebrados, das quais 300 espécies novas descobertas (RATZEL, 1906c, p.464-465, passim).

11. Ratzel passou três semanas no México. O relato da sua viagem foi publicado em 1878 (RATZEL, 1878a). Na sua viagem de volta para Europa, Ratzel passou em Cuba, mas pelo meu conhecimento, ele não escreveu nada sobre a sua experiência nesse país. A única referência à sua estadia em Cuba talvez sejam as anotações sobre essa ilha do Caribe que ele usou para as suas aulas na Universidade Leipzig (Veja caixa 477 no acervo de manuscritos e documentos do Ratzel na biblioteca do Leibniz-Institut für Länderkunde em Leipzig, disponível em [[http://www.ifl-leipzig.de/fileadmin/user\\_upload/Bibliothek\\_Archiv/Archiv\\_Findb%C3%BCcher\\_PDF/Ratzel.pdf](http://www.ifl-leipzig.de/fileadmin/user_upload/Bibliothek_Archiv/Archiv_Findb%C3%BCcher_PDF/Ratzel.pdf)], acesso em 19 set 2012).

---

## ABSTRACTS

Apesar de existir uma vasta literatura sobre a sua vida e obra, o geógrafo alemão Friedrich Ratzel ainda está aguardando uma releitura mais aprofundada para o século XXI. Através de uma abordagem contextual e biográfica apresento vários aspectos do pensamento ratzeliano e comento algumas das suas obras menos conhecidos, sobretudo aquelas que resultaram da sua viagem aos Estados Unidos no começo da sua carreira acadêmica e que foram cruciais para a formulação de suas teorias.

A pesar de existir una vasta literatura sobre su vida y obra, el geógrafo alemán Friedrich Ratzel aun está aguardando una re-lectura más profunda para el siglo XXI. A través de un abordaje contextual y biográfico presento varios aspectos del pensamiento ratzeliano y comento algunas de sus obras menos conocidas, sobretodo aquellas que resultaron de su viaje a los Estados Unidos en el comienzo de su carrera académica y que fueron cruciales para la formulación de sus teorías.

Malgré l'existence d'une vaste littérature sur sa vie et son œuvre, le géographe allemand Friedrich Ratzel attend encore une relecture plus approfondie pour le 21e siècle. A travers une approche contextuelle et biographique, je vais présenter quelques aspects de la pensée ratzelienne et analyser quelques uns de ses écrits moins connus, notamment ceux qui concernent son voyage aux États-Unis au début de sa carrière académique, fondamentaux pour le futur développement de ses théories.

Despite a substantial bibliography on his life and work, the German geographer Friedrich Ratzel is still awaiting a deeper re-reading for the 21st century. By the use of a contextual and biographical approach, I present several aspects of Ratzel's thoughts and comment on some of

his lesser known works, with an emphasis on his travels to the United States at the beginning of his academic career which were crucial for the formulation of his theories.

## INDEX

**Mots-clés:** Friedrich Ratzel, migrations humaines, théories évolutionnistes

**Geographical index:** Estados Unidos, México

**Chronological index:** 1873, 1875

**Keywords:** human migrations, evolutionist theories

**Palabras claves:** migraciones humanas, teorías evolucionistas

**Palavras-chave:** migrações humanas

## AUTHOR

### JÖRN SEEMANN

Doutor em Geografia e Professor Adjunto do Departamento de Geociências, Universidade

Regional do Cariri. Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 63105-000, Crato, CE.

jornseemann@gmail.com